

A ACADEMIA BRASÍLICA DOS ESQUECIDOS E A HISTÓRIA NATURAL DA NOVA LUSITÂNIA

O MOVIMENTO ACADEMICISTA E A ACADEMIA BRASÍLICA DOS ESQUECIDOS

FÁBIO MENDONÇA PEDROSA

Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST/MCT

RESUMO - Fontes primárias e bibliográficas sobre a Academia Brasílica dos Esquecidos, localizadas em bibliotecas e arquivos do Rio de Janeiro e Lisboa, revelam uma intensa atividade intelectual no Brasil, durante a primeira metade do século XVIII. Mesmo que esta Academia tenha tido curta duração, os esquecidos produziram vasto acervo documental, dentre os quais a respeito da História Natural. Apesar de não estar no rol dos principais documentos sobre a História Natural do Brasil, as dissertações examinadas neste trabalho revelam aspectos interessantes da cultura de salão do século XVIII e do pensamento do letrado brasílico, em particular, acerca de sua relação com a natureza, aspectos climáticos e astronômicos. Uma vez que Caetano de Brito e Figueiredo era bacharel em Direito, as Dissertações de História Natural da Nova Lusitânia são ainda mais interessantes e surpreendentes.

ABSTRACT - The primary documents and bibliography about the Academia Brasílica dos Esquecidos raised on the heap of the majors libraries and archives of Rio de Janeiro and Lisbon revealed an intense intellectual activity in Brazil, on the first half of 18th Century. In spite of its short duration these esquecidos produced a huge and important quantity of dissertations that lied on the background of the libraries and it is the theme of this essay. Even though the dissertations of the esquecidos are not on the top of the list of the main document about Brazilian Natural History, the dissertations presented here show us interesting aspects of the culture of saloon of 18th Century and aspects of the Brazilian relation with aspects of the nature, mainly climatic and astronomical aspects. The fact that Caetano de Brito e Figueiredo was a law graduate make that his dissertations about the Natural History been more interesting.

Uma das principais características da atividade intelectual do século XVIII é a reunião de letrados em academias, tanto com objetivos científicos quanto literários. Deve-se considerar que o termo “Academia” não representa apenas a reunião periódica de um determinado grupo com estatutos pré-formulados, nem mesmo a reunião de alunos sob a batuta de um mestre. A Academia do século XVIII representa também a reunião de letrados por um dia, uma tarde, ou mesmo algumas horas.

As Academias se formavam tanto por um grande objetivo, como a redação da História da Nova Lusitânia, quanto por um fato isolado, como, por exemplo, a homenagem devido à chegada de um nobre à Colônia ou à morte de uma princesa, como se observa no ato acadêmico publicado em 1691. O ato se referia às exéquias públicas, por ocasião do falecimento da princesa portuguesa dona Isabel Luisa Josefa. Este ato é composto principalmente pela oração fúnebre recitada pelo vigário de Recife na cidade de Olinda¹.

Durante os séculos XVII e XVIII parte dos atos acadêmicos se confundiam com as festas e eventos públicos. Estes atos apesar de se intitularem acadêmicos não possuíam semelhança estrutural com a *Academia dos Esquecidos* nem com as demais academias do final do Setecentos, a única semelhança se encontrava na participação de diversos letrados compondo e recitando orações e poesias².

É a partir do Renascimento que se acirra, primeiro na Itália e depois em outros países da Europa, o gosto por associações de homens cultos. Assim, por todo o século XVI e XVII, surgiram academias em quase todas as cidades européias³. *Après la Renaissance, les Académies, venant d'Italie, pullulent en deçà des Alpes; il y en a bientôt à Annecy, à Dijon, à Nancy*⁴.

No Brasil, pode-se considerar o ano de 1724 como o primeiro ano ou o ANO 1 do movimento acadêmico. Não se desconsidera a existência de academias anteriores aos *esquecidos*, uma vez que estas são referidas pelos próprios acadêmicos⁵. Contudo, foi com a reunião dos *esquecidos* que o movimento acadêmico tomou impulso e se espalhou pelas principais cidades brasileiras⁶.

A Academia Brasílica dos Esquecidos foi formada com o propósito de coligir informações sobre a Nova Lusitânia. Este material seria enviado para a Corte a fim de ser anexado à monumental História de Portugal, que estava sendo redigida pela Academia Real de História Portuguesa.

As dificuldades de redação da história brasílica eram imensas, principalmente no tocante às colônias. Para solucionar este problema o governo metropolitano correspondia com o vice-rei do Brasil Vasco César de Meneses. D. João V ordenou que o vice-rei do Brasil fizesse “[...] *coligir as informações precisas para a composição da História Portuguesa, que encarreguei à Academia Real, na parte relativa ao Brasil*”⁷.

Após a troca de correspondência com a Corte, o Vice-rei do Brasil concluiu que a melhor maneira de se reunir informações necessárias seria a fundação de uma academia brasílica. Para tal, ele reuniu primeiramente sete ilustres membros da sociedade baiana⁸ e fundou no dia 23 de abril de 1724 em seu Palácio, a Academia Brasílica dos Esquecidos.

A autodenominação de *esquecidos* provavelmente provém do fato de que nenhum letrado colonial fora chamado para compor os quadros da Academia de História Portuguesa⁹. Os acadêmicos se consideravam abandonados pela metrópole, consideravam que seus talentos intelectuais deveriam receber uma maior atenção da Corte, como se pode observar no seguinte trecho recitado pelo acadêmico José da Cunha Cardoso durante o primeiro outeiro: Neste felicíssimo ocidente nasceu o Sol para a Bahia: agora lhe amanheceu, porque agora se verá a Bahia convertida em Atenas: agora sairão à luz os que o nosso descuido cobria com as sombras do esquecimento, que por isso tão entendidos, como modestos se apropriaram o título dos Esquecidos¹⁰.

Aos sete primeiros acadêmicos se uniram mais de uma centena de letrados, que foram convocados através de cartas circulares, tendo se reunido por um ano. No dia 4 de fevereiro de 1725, após 18 reuniões quinzenais, as atividades foram suspensas.

No primeiro outeiro, quando foi redigido o estatuto, ficou homologado que os outeiros seriam divididos em duas partes: primeiramente, uma sessão puramente literária, quando após a Oração Presidencial seriam compostas obras poéticas sobre dois temas previamente escolhidos, sendo um tema lírico e outro heróico. As obras compostas seriam recitadas e, se necessário, corrigidas por José da Cunha Cardoso, secretário da Academia. A seguir, seriam recitadas as dissertações históricas. Em cada outeiro, os lentes de história se revezariam e, a cada sessão, dois lentes recitariam as dissertações compostas.

Durante os outeiros havia também a participação de pessoas que não eram membros da Academia, mas participavam a convite do orador ou do vice-rei. A maior parte das obras era composta em português, havendo também muitas em latim e algumas poucas em espanhol.

Nos moldes da Real Academia Portuguesa de História, os acadêmicos brasílicos do século XVIII eram homens ligados ao Estado, à administração pública ou ligados à Igreja. Juizes, ouvidores, padres seculares, jesuítas, capuchinhos, capitães, coronéis e vigários eram os homens que compunham a

maioria das academias do século XVIII, portanto, não encontramos na *Academia dos Esquecidos*, comerciantes, fazendeiros, ou (ainda) artesãos.

Para sua melhor composição a História da Nova Lusitânia foi dividida em quatro temas específicos, sendo cada tema dado a um lente, que foi escolhido na primeira reunião. História militar, eclesiástica, política e natural formavam as quatro divisões da História Brasileira, e estas foram dadas, respectivamente, aos seguintes lentes: ao juiz de fora Dr. Inácio Barbosa Machado (irmão do célebre Diogo Barbosa Machado), ao padre Gonçalo Soares Franca, ao ouvidor-geral do nível Luís Siqueira da Gama e ao desembargador-chanceler Caetano de Brito e Figueiredo.

Herança da tradição acadêmica européia, a *Academia dos Esquecidos* se assemelhava às academias européias setecentistas em vários aspectos. O mecenato, a adoção de temas gongóricos e de assuntos jocosos eram de praxe na maioria das academias européias. Outra característica importada pelos *esquecidos* foi a adoção de vulgos satíricos para se identificarem. Ocupado, Vago, Infeliz, Obsequioso, Venturoso, entre outros, eram os termos com os quais os *esquecidos* assinavam suas composições.

Ao contrário do que uma análise apressada da Academia pode sugerir, a Academia Brasileira dos Esquecidos chamou a atenção dos europeus no momento de sua fundação. Em setembro de 1724, o jornal francês *Mercurie Historique de France* noticiou a existência da primeira douta Academia brasileira: “*C’est sans doute la première Academie que les Brésiliens auront eu; peut-être plus attentif au gain et à la decouverte des mines qu’à la culture des sciences et des arts*”¹¹.

AS DISSERTAÇÕES DE HISTÓRIA NATURAL

Os manuscritos de História Natural se encontram dispersos, existindo algumas cópias na Biblioteca Nacional de Lisboa¹² e na Sociedade Geográfica de Lisboa¹³, contudo, os originais estão na seção de manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. O códice relativo às dissertações de História Natural (cota: 11, 2, 32) tem por título: *Dissertações/ Acadêmicas e Históricas nas quais se trata/ da Historia Natural das Cousas do Brasil/ Recitadas na Academia Brasília dos Esquecidos/ que na Cidade da Bahia mandou erigir: Declarando-se por seu Protetor/ o Excelentíssimo Senhor/ Vasco Cesar de/ Menezes/ Vice-Rey de Mar e Terra de todo este Estado/ Pelo Desembargador Chanceler/ Caetano de Brito e Figueiredo/ No Ano de 1724*¹⁴.

Após o *Aparato Isagógico*, no qual o autor executa uma “verdadeira lição introdutória”, seguem-se oito dissertações da qual o sumário é o seguinte:

Dissertação 1^a: na qual se trata da geral e geográfica descrição de toda a América com abreviada demonstração do mais raro e admirável que a Natureza nela produziu;

Dissertação 2^a: Da origem dos Índios e primeiros povoadores da América e se tiveram os Antigos dela algum conhecimento;

Dissertação 3^a: Descreve-se o Brasil com outras particularidades pertencentes a sua natureza;

Dissertação 4^a: Dos Céus, Planetas, Constelações e Climats Brasileiros;

Dissertação 5^a: Dos climas, ares, meteoros brasileiros;

Dissertação 6^a: Na qual se trata das Aves do Brasil;

Dissertação 7^a: Na qual se individualizam os nomes, cores e diferenças das Aves Brasileiras;

Dissertação 8^a: Na qual se descrevem os Insetos voláteis do Brasil.

Em seu *Aparato* o autor comenta sobre as dificuldades de seu trabalho dada a magnitude do tema, recita suas influências, e aponta para aqueles que iluminariam o caminho a ser trilhado. Ele considera suas dificuldades tamanhas, afirmando que “*só uma postada obediência me podia conduzir a empresa tão alta* [...]”¹⁵. Este *assombro (e) confusão*¹⁶ se explica, ao observar sua formação: Caetano de Brito e Figueiredo nasceu em Lisboa¹⁷, no ano de 167[?]; recebeu o título de Bacharel em Direito,

assumindo vários cargos administrativos, tanto na metrópole quanto na colônia; foi ouvidor e juiz de fora, além de vereador do Senado em Portugal; e, na época em que redigia as Dissertações de História Natural, era Desembargador da Relação da Bahia, falecendo em outubro de 1732. Observando sua biografia se compreende o temor em relação à sua missão: temor este que ele manifesta ao longo de toda a sua *História Natural*, culminando, na dissertação oitava, com um pedido formal de desculpas por eventuais falhas em seu texto.

Observando o número expressivo de autores citados ao longo das dissertações e aqueles relacionados no Aparato, nota-se não apenas uma curiosidade científica mas, sim, um significativo conhecimento e erudição deste *esquecido* baiano. Além dos autores clássicos aos quais o autor faz questão de se remeter – tais como: Plínio, Sêneca, Aristóteles e Ptolomeu –, ele cita também os modernos, como Copérnico, Ticho-Brahe, Descartes, Hervé, Aldrovandi, Pinson, La Chambre, e aparecem ainda Gandavo, Barleu, Sanson, Vasconcellos, Barros, entre muitos outros.

Sob o tema da descrição da América, o autor inicia sua primeira dissertação afirmando que sua *incumbência* “se restringe a dissertar academicamente sobre a História Natural Brasileira”¹⁸. Portanto, seus leitores não deveriam esperar mais de suas dissertações e, na verdade, Caetano não faz “um trabalho acadêmico”. O lente, de forma metódica e sistemática, levanta os principais autores que trataram da História Natural. Seu trabalho é voltado para uma apresentação da ciência sobre a natureza da Nova Lusitânia, visando mais o deleite da Corte e a informação do que a discussão científica. É ainda uma gramática civilizacional, na qual persiste a ótica do século XVI. Antes de tudo, é uma cultura de salão literário e não de laboratório, ou de gabinete de ciências.

Após uma breve narrativa dos vários descobrimentos que ocorreram no continente americano, o lente comenta a respeito da separação do continente ao Sul, pelo já conhecido e citado estreito no qual atravessou Magalhães. Contudo, o autor discute a existência ou não de uma divisão da América no polo Norte, uma separação em terras árticas.

Já na primeira dissertação, Brito e Figueiredo deixa transparecer a sua principal característica e que pontuará todo o texto: o apego à tradição. O autor não desconhece os “modernos” e as novas “idéias”, mas retorna à tradição e ao pensamento português do século XV e XVI ao explicar um tema. Esta tendência permeia todo o seu texto, e essas afirmações podem ser observadas, com bastante nitidez, na questão referente à divisão do mundo em quatro ou cinco partes. A quinta parte seriam as terras antárticas, que eram separadas da América pelo Estreito de Magalhães:

Concorrendo também que da mesma sorte que Plínio, Estrebão, e outros dos antigos dividiram o Orbe em três partes, a que os modernos acrescentaram esta quarta, e grande América, não ser impróprio fazer pentágono a tal divisão, e dar ao Mundo mais uma parte, para numerar cinco. Veneramos esta nova opinião, porém constantemente seguimos a quatripartida divisão comumente recebida, mais conforme aos Divinos Oráculos, correspondendo aos quatro ventos principais, ou cardeais, que sopram dos encontrados Pólos, Oriente e Ocaso; aos quatro Elementos, matéria toda, e verdadeira imagem da cruz; Sacrossanto, modelo condigno à excelente fábrica do Universo.

O autor faz uma breve descrição do continente, iniciando pela América Setentrional. A magnificência da natureza americana ainda causava espécie; Caetano de Brito afirma: “*grandezas, regalos e fecundidades, [...] que gravísimos Autores abraçam, e constantemente defendem. E pelo delicioso e agradável chamaram outros Paraíso.* O paraíso Natural narrado por muitos e corroborado pelo esquecido era abalado em sua paz pelos animais, que nas América *se encontram não uma, sim muitas venenosíssimas serpentes, [...] Dragões em tudo semelhantes ao das Espéride [...] disformes jacarés, e outros Monstros e Feras...*

As características do barroco estão presentes em toda a obra de Brito e Figueiredo, como se nota em sua descrição, assustadora, dos índios americanos:

Os seus Indígenas, e primeiros habitantes quase todos eram bárbaros, rudes, cruéis Trogloditas, e Antropófagos, alimentavam-se de carne humana, comiam aos que cativavam na guerra, e com ímpia, e tirana piedade serviam muitos de sepulturas vivas aos cadáveres dos Pais, Parentes, e Amigos, aos quais muitas vezes antecipavam a morte com simulado pretexto de lhes procurarem nas últimas aflições, e agonias algum alívio, e descanso: não sendo outra causa, mais que a de prevenirem pronto alimento à sua voracidade. Feras racionais sem fé, nem lei, nem rei, sombras, e brutescos rascunhos da humana Natureza.

Sua visão a respeito dos ameríndios é de tal forma negativa, que as civilizações da América Central não são consideradas como verdadeiras. Para o lente de História Natural as civilizações pré-colombianas nada mais eram do que “hipérboles” dos autores que as estavam descrevendo.

A discussão a respeito do povoamento da América é o grande mote da segunda dissertação. Em primeiro lugar Caetano de Brito explica a existência de vários mitos de origem. Coerente com sua formação cristã, o *esquecido* acredita piamente nos mitos de criação, ele afirma “[...] *descendendo com indubitável certeza os homens todos de um só Adão. Sendo Noé, e seus três filhos os que regeneraram a uma natureza, totalmente extinta*”¹⁹ devido à sua formação esta verdade é indiscutível, portanto, o acadêmico precisa explicar a existência de outros mitos de origem. A este respeito – o autor justifica pela distância temporal em relação à fé cristã –, os ameríndios teriam de tal forma se distanciado dos mitos religiosos que o tempo produziu deturpações nas origens do homem, os ameríndios perderam *notícia, ciência e memória de sua primeira origem*²⁰. Se as origens causam espécie por suas discrepâncias, suas diferenças, as semelhanças entre os dilúvios indígenas e o dilúvio bíblico, fazem com que o *esquecido* afirme que dentro das discrepantes narrativas, *reluz de alguma sorte ... a luz da verdade*²¹.

A justificativa de Caetano de Brito, além de coerente, é extremamente perspicaz pois, a partir dela, pode-se observar com clareza o choque que era para o português e, de certa forma para os europeus de um modo geral, o Novo Mundo. Aos letrados, aos homens de letras, cabia explicar e dar coerência a este mundo.

As diversas narrativas indígenas, algumas totalmente divergentes enquanto outras com algumas semelhanças, traziam um problema de compreensão da origem dos índios. Para o *esquecido* a resposta se encontra no tempo, na distância temporal entre os ameríndios e as dinastias bíblicas, as dinastias de Noé.

Com esta discussão introdutória o autor dá o mote para a primeira questão da dissertação: quem foram os povoadores da Nova Lusitânia?

Com maior ou menor argumentação, o autor aponta quatorze hipóteses para os povoadores do Novo Mundo: *fenícios, troianos, espanhóis, espanhóis recentes, soldados de salomão, filhos de jafé, hebreus das dez tribos capitânicas*, são alguns exemplos²². Algumas hipóteses são mais fantasiosas, porém não são negligenciadas, e são arroladas igualmente. Frequentemente desde a divulgação do texto platônico, Atlântida aparece como povoadora da Nova Lusitânia. Infelizmente o autor não remete à fonte, porém, Caetano afirma que esta teoria era *vistosa, porém quimérica, fantasiosa...* Por fim a hipótese mais plausível e aceita por diversos autores, como o padre Vasconcellos, Torquemada, Lorino: “[...] mais recebida, e verossímil é, que estes tais Índios são oriundos das Províncias setentrionais, ou Asiáticos, ou Européias, e dos Tártaros, Lapônios, ou Zemblanhos, circunvizinhos, e confinantes, dos quais no dialético idioma, e pronúncia conservam grande semelhança”²³.

Contudo, é no segundo questionamento que o autor se mostra mais significativo. De forma retórica, questiona se os Antigos conheciam ou não as novas terras. Primeiramente relaciona os diversos autores e suas interpretações favoráveis ao conhecimento das terras pelos antigos: Sêneca, Aristóteles, São Clemente, Barleu e até a partir das interpretações de Isaias. Abdias e Sofonias também são citados; depois de apontar todas estas referências, induzindo o leitor a uma opinião errada, o autor afirma “assim parece, porém não é assim”. Cita um número ainda maior de autores e aponta as razões porque os antigos não tinham conhecimento das terras novas, a partir da lógica dos antigos, o autor desconstrói qualquer hipótese de conhecimento da América, antes do descobrimento:

1. Os antigos achavam que o “Céu era uma figura quadrada, demonstrando assim o pouco conhecimento” que tinham do Mundo;
2. Achavam que as terras estariam submersas nas Ondas do Oceano, portanto inavegáveis;
3. Podia existir, porém não tinha habitantes, o que demonstrava não a conhecerem, consideravam a Zona tórrida como inabitável;
4. Desconheciam o astrolábio, agulha de marear, inviabilizando assim, a navegação além-mar;
5. Principalmente o silêncio dos escritores a respeito de *uma coisa tão grande, e extraordinária* como a América.

Termina afirmando de maneira bastante audaciosa em relação aos autores citados no texto, como Platão, Aristóteles, dentre outros, “*se entendem como hipérboles (...), ou delicado capricho de seus comentadores*”.

Em sua quarta dissertação, datada de 27 de agosto, o autor aborda os céus e constelações brasílicas. De início ocorre uma longa discussão a respeito de quantos céus é composto o Universo, apontando para a “opinião mais comum”²⁴ de que doze é o número de céus. Em seguida, Caetano descreve os céus desta teoria:

O primeiro Móvel, que no espaço de vinte e quatro horas arrebatada do Oriente para o Ocidente todos os céus inferiores. O primeiro céu cristalino, de que os Astrônomos deduzem a processão dos Equinócios. O segundo céu também Cristalino, que levando a Esfera de um pólo a outro, causa o movimento, de liberação, ou trepidação. O firmamento ou Céu das Estrelas fixas, os Céus dos Planetas, ou Estrelas errantes, Saturno, a que dão dois Planetas menores, ou satélites, Júpiter, a que dão quatro, Marte, Sol, Vênus, Mercúrio, Lua, que todos enchem o dito número...²⁵

Contrapondo a opinião mais comum, Caetano de Brito aponta para outras opiniões como a de Eudócio que afirmava existirem 23 céus ou a de Montono com seus 33 céus, porém ao retomar o texto bíblico o autor aponta para “[...] opinião mais acertada, e recebida, derivada do Sagrado Texto os reduz somente a três; a saber a região dos Planetas, o Firmamento, e o Empíreo, separando sempre da Celeste a região Elementar”²⁶.

Após esta discussão, o autor descreve as estrelas e as constelações, apontando para o que representava a passagem de uma determinada constelação pelo céu brasílico. Para exemplificar, o lente de História Natural utiliza a constelação de Orion, com suas Plêiades, afirmando que estas, quando no céu, indicavam a época de chuvas²⁷.

As dissertações sexta e sétima estão interligadas. A sexta faz um panorama sobre as aves, enquanto mensageiras de novas, tanto boas quanto más. O autor apresenta as aves ainda como representação de sabedoria. Nesta dissertação, Caetano apresenta uma parte mitológica das aves, ou a parte simbólica das aves brasílicas. No início da sétima, Caetano já demonstra o que nortearia a sua dissertação. É mais uma descrição das aves brasílicas – suas cores, a distinção do gosto das aves, do sabor, do canto, etc. –, que se assemelha aos tratados descritivos do século XVI e XVII. Para executar seu intento, o autor arrola suas fontes, suas referências e utiliza, além dos autores que trataram especificamente das aves brasílicas como Pinson, João Fabro, Ovalhe, Francisco Hernández que trataram das aves de forma mais genérica ou de das aves de outros países.

Caetano de Brito passa ao largo da sistematização proposta posteriormente por Lineu. Ele utiliza uma classificação bastante singular ao dividir as aves brasílicas em “diversas classes, estados e categorias”. Sua sistematização, grosso modo, é extremamente lógica, utilizando principalmente elementos observacionais ou funcionais para catalogar as aves. Iniciando a sua catalogação, Caetano aponta a primeira categoria: “a mais útil é a das aves comestíveis, que são [...]”. A partir daí, ele descreve estas aves – principalmente, seus sabores e gostos – como em um tratado descritivo: compara com as aves conhecidas européias, descreve suas penas, cores, tamanhos, enfim, tenta ser o mais explícito possível.

Arapongas, são as de melhor carne, e sabor, do tamanho dos Inambus de cor branca, o pescoço falta de penas, a pele deste azulada, bico comprido (...) gritam de sorte, que se ouvem em grande distancia é tão medonho, que faz terror...²⁸

Ainda dentro da lógica do *esquecido*, às aves comestíveis se sucedem as sonoras. A segunda classe de aves são aquelas agradáveis aos ouvidos, e os bicudos, pintassilgos, sabiás estão entre as aves arroladas. Tais quais às aves comestíveis, o autor as descreve e compara com as aves e os cantos europeus conhecidos. Aves que falam, de rapina e aquáticas são as outras classes do sistema de Caetano de Brito. Contudo, o autor deixa para o seu arremate final da dissertação a descrição de uma ave e uma classe.

As aves noturnas compõem a última classe e é nesta que um animal bastante singular se apresenta como ave noturna. As aves noturnas, também formam a sua classe, Corujas, Mochos, ... e Morcegos de tão extraordinária grandeza, que igualemente às maiores corujas, e tão cruentos e daninhos, que matam o gado, e fazem despovoar as fazendas²⁹. [...] outros pouco menores, que depois de velho cai a cartilagem das asas, e ficam sendo ratos, servindo-lhes de braços os cotos das mesmas asas³⁰.

Assim como Gabriel Soares de Sousa³¹, o acadêmico enquadra os morcegos como aves noturnas. Não somente em relação aos morcegos a estrutura lógica do sistema classificatório de Soares de Sousa se assemelha à de Caetano de Brito, pois os animais são classificados a partir de uma chave prática. O princípio básico da classificação de ambos é o observacional, ou o que é diretamente mensurável.

Caetano de Brito termina suas dissertações abordando os diversos insetos que há no Brasil. Todavia, seu projeto permanece incompleto, pois no *Aparato* é demonstrada a intenção de descrever os diversos animais aquáticos, coisa que o autor não chegou a redigir ou que se perdeu.

Para concluir, pode-se afirmar que as dissertações de História Natural não servem apenas como mais um grupo de trabalhos sobre a fauna, a flora e a geografia do Brasil. Deve-se observar a sua importância como elemento que auxilia a compreensão da cultura letrada brasileira e os diversos níveis de sociabilidade intelectual em Salvador setecentista.

As dissertações e a Academia dos Esquecidos, de modo geral, revelam um grau de complexidade da sociedade colonial significativamente maior do que foi apontado, por diversas vezes, em outros trabalhos. Este e outros exemplos demonstram que o binômio senhores e escravos, cada dia mais, é preenchido com cultura letrada, discussões acadêmicas, salões literários ...

Notas

(Endnotes)

1 - SILVA, Antônio da. Oração fúnebre. Lisboa: Oficina de Miguel Manescal, 1691.

2 - Cf. ARAÚJO, Emanuel. O Teatro dos Vícios. Brasília: Rio de Janeiro: UnB, José Olympio, 1997, principalmente o capítulo 2; CASTELLO, José Aderaldo. O Movimento Academicista no Brasil. 16 v. São Paulo: Secretaria da Cultura, Esporte e Turismo, 1969-79.

3 - Ver: FERREIRA PALMA, João. Academias literárias dos séculos XVII e XVIII. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1982. HAUSER, Arnold. História Social da arte e da literatura. São Paulo: Ed. Martins Fontes, s/d. RIBEIRO, João Silvestre. História dos estabelecimentos científicos, literários e artísticos de Portugal. 18 v. Lisboa: Tipografia da Real Academia de Ciências, 1871.

4 - Apud MARTINS, Wilson. A crítica literária no Brasil. 2 v. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. v. 1, p. 55.

5 - Como afirmou José da Cunha Cardoso "[...] precedeu a esta outras doutes academias, que infelizmente não deixaram memória [...]" Apud. CASTELLO, J. A. O Movimento Academicista no Brasil. São Paulo. op. cit. v. 1, t. 1, p. 223.

6 - Após a Academia Brasileira dos Esquecidos várias outras surgiram por todo o Brasil. Os esquecidos foram também os primeiros acadêmicos a contarem

com a proteção do Estado, além de terem uma organicidade e periodicidade.

7 - Documentos Históricos, XLV, p. 4.

8 - Os sete primeiros acadêmicos foram: Caetano de Brito e Figueiredo, Gonçalo Soares da Franca, Sebastião da Rocha Pita, José da Cunha Cardoso, Inácio Barbosa Machado, Luís Siqueira da Gama e João de Brito e Lima.

9 - Posteriormente, vários acadêmicos brasileiros foram convidados para participar efetivamente da Academia Real de História Portuguesa.

10 - CASTELLO, J. A. O Movimento Academicista no Brasil. op. cit. v. 1, t. 1, p. 9.

11 - Cf. SIGAUD, J.F. Du climat et des maladies du Brasil. Paris, 1884. p. 481.

12 - SANTOS, Domingos Mauricio Gomes dos. O Brasil em Alcobaca (esquecidas memórias da Academia Brasileira dos Esquecidos, da Baía, entre os códices alcobacenses). In Colóquio internacional de estudos luso-brasileiros, 5. Anais do Colóquio internacional de estudos luso-brasileiros. Coimbra, 1965. p. 5-26

13 - BOSCHI, Caio César. O Brasil nos Arquivos e Bibliotecas de Portugal. Revista de História, São Paulo, n.101, separata, 1975.

14 - As dissertações de História Natural se encontram encadernadas juntamente as demais dissertações históricas. Este volume é uma compilação dos manuscritos existentes em Lisboa.

15 - CASTELLO, J. A. O Movimento Academicista no Brasil. op. cit. v. 1, t. 5, p.128.

16 - Ibidem. p.131.

17 - Interessante observar que o lente é um dos poucos esquecidos que não nasceu no Brasil e que a grande maioria dos acadêmicos era natural de terras brasílicas.

18 - CASTELLO, J. A. op. cit. v. 1, t. 5, p.152

19 - Ibidem. p. 132.

20 - Ibidem.

21 - Ibidem. p. 158.

22 - Interessante notar que algumas destas hipóteses são recorrentes até os dias atuais.

23 - CASTELLO, J. A. op. cit. v. 1, t. 5, p.163

24 - Ibidem. p.165

25 - Ibidem. p.172

26 - Ibidem. p.178

27 - Ibidem. p.180

28 - Ibidem. p.183

29 - Ibidem. p.184

30 - Ibidem. p.186

31 - SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado Descritivo do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional. p. 235.

Artigo recebido em 10/2002. Aprovado em 06/2003.